

INSTITUTO FEDERAL GOIANO - IFGOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO (*LATU SENSU*) DOCÊNCIA NO ENSINO
SUPERIOR

**A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO DE
ORIENTAÇÃO ACADÊMICA**

IPAMERI/GO
OUTUBRO/2019
SILVANA RODRIGUES VAZ ALVES

INSTITUTO FEDERAL GOIANO - IFGOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO (*LATU SENSU*) DOCÊNCIA DO ENSINO
SUPERIOR

SILVANA RODRIGUES VAZ ALVES

A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO DE
ORIENTAÇÃO ACADÊMICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal Goiano, Campus Avançado Ipameri, como requisito parcial para a obtenção de Especialista em Docência no Ensino Superior, orientado pela prof.^a M.^a Juliana Maria Corallo Quinan.

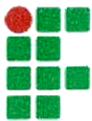
IPAMERI/GO
OUTUBRO/2019

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano

R474r Rodrigues Vaz Alves, Silvana
A Relação Afetiva entre Professor e Aluno no
Processo de Orientação Acadêmica. / Silvana Rodrigues
Vaz Alves; orientadora Juliana Maria Corallo Quinan. -
- Ipameri, 2019.
23 p.

Monografia (em Docência do Ensino Superior) --
Instituto Federal Goiano, Campus Ipameri, 2019.

1. Afetividade. 2. Orientação Acadêmica. 3.
Orientador e Orientando. 4. Pós-graduação. 5. Relação
professor e aluno. I. Maria Corallo Quinan, Juliana,
orient. II. Título.



TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input checked="" type="checkbox"/> Monografia – Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Silvana Rodrigues Vaz Alves
 Matrícula: 2018112301638260
 Título do Trabalho: A Relação Afetiva entre Professor e Aluno no Processo de Orientação Acadêmica

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: Não Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: ___/___/___

- O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não
 O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Gameri, 31/10/19
Local Data

Silvana Rodrigues Vaz Alves
Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:

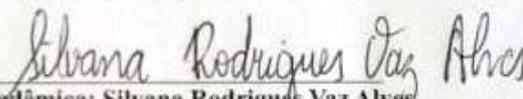
Felipe Henrique Corallo Duran
Assinatura do(a) orientador(a)

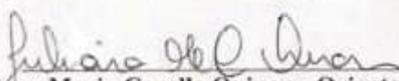


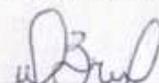
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI

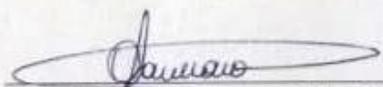
ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO-SENSU (ESPECIALIZAÇÃO) EM DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR

No dia **23 de outubro de 2019**, às **19 horas**, na Sala 1 do Bloco D do Instituto Federal Goiano - IF Goiano, Campus Avançado Ipameri, sob a presidência da Professora Ma. Juliana Maria Corallo Quinan, reuniu-se, em sessão pública, a Banca Examinadora de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna **Silvana Rodrigues Vaz Alves**, do curso de Pós-Graduação Lato-Sensu (Especialização) em Docência do Ensino Superior, visando a obtenção do título de Especialista. A banca foi constituída pelos professores: Ma. Juliana Maria Corallo Quinan (orientadora) e presidente, Ma. Hilma Aparecida Brandão e Ma. Camila Lariane Amaro, com anuência da Coordenação do Curso. Iniciados os trabalhos, a presidência deu conhecimento aos membros da Banca, e à candidata, das normas que regem a defesa de Trabalho de Conclusão de Curso. A seguir, a aluna passou à defesa de seu trabalho intitulado: "**A relação afetiva entre professor e aluno no processo de orientação acadêmica**". Encerrada a defesa, procedeu-se ao julgamento. Apuradas as notas verificou-se que a candidata foi aprovada com a nota 9,9. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e por mim, em 23 de outubro de 2019.


Acadêmica: Silvana Rodrigues Vaz Alves


Profa. Ma. Juliana Maria Corallo Quinan - Orientadora e Presidente
Universidade Estadual de Goiás – Campus Pires do Rio (GO)


Profa. Ma. Hilma Aparecida Brandão - Membro Titular
Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Ipameri (GO)


Prof. Ma. Camila Lariane Amaro - Membro Titular
Universidade Federal de Uberlândia (MG)

A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO ACADÊMICA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado/inadequado como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Docência no Ensino Superior e teve o parecer final como Aprovado/Reprovado, no dia _____, pelo Programa de Pós-Graduação (*LATU SENSU*) Docência no Ensino Superior, vinculado ao Instituto Federal Goiano – IFGoiano, Campus Avançado Ipameri, sob responsabilidade da Banca Examinadora:

Trabalho de Curso (TC) apresentado à banca examinadora em ___/___/___, constituída pelos professores(as):

Prof^a. M.^a Juliana Maria Corallo Quinan – Orientadora/ Docente da Universidade Estadual de Goiás, Campus Pires do Rio

Prof^a. M.^a Hilma Aparecida Brandão – Docente do Instituto Federal Goiano, Campus Ipameri

M.^a Camila Lariane Amaro – Universidade Estadual de Goiás, Campus Ipameri

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Metodologia	9
3. Sujeitos e o Espaço Geográfico da Pesquisa Bibliográfica	11
4. Referencial Teórico	12
5. Considerações Finais	19
6. Referências	21

A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO ACADÊMICA

Silvana Rodrigues Vaz Alves

M.^a Juliana Maria Corallo Quinan

Resumo: A proposta do artigo é analisar a relação professor e aluno no processo de orientação acadêmica na educação brasileira, no que corresponde as questões afetivas. Deste modo, buscamos descrever sobre a relação afetiva entre professor e aluno durante o processo da elaboração de dissertações e teses, perceber a importância dessa relação no processo de orientação, e identificar como essa relação afeta o aluno no processo da escrita. Autores como Freire (1987, 1992, 1994); Sabino (2012); Flecha (2003); Machado (2012); e Ribeiro (2011) auxiliam a compreensão das concepções de afetividade, orientação acadêmica e a relação entre orientador e orientando. Optamos pela pesquisa qualitativa (MINAYO, 2002) tendo como instrumento de dados as revisões bibliográficas (SEVERINO, 2007). Diante disso, observamos que o afeto é fator determinante para a relação positiva entre orientador e orientando, por isso a importância de a afetividade ser um dos requisitos curriculares para a formação do docente; a relevância da relação horizontalizada entre professor e aluno, a fim de facilitar o ensino-aprendizagem, possibilitando a troca de experiências vividas pelos educadores e educandos, promovendo assim a formação do aluno como cidadão crítico; o grande valor dos programas de pós-graduação brasileiros que formam professores e pesquisadores; a importância das universidades levarem o conhecimento teórico e prático durante o processo de formação profissional de seus alunos; e a influência positiva da orientação acadêmica durante o período de desenvolvimento de dissertação e tese para que não se torne um problema de saúde mental e sim uma contribuição para a formação social e pessoal do sujeito acadêmico.

Palavras-Chave: Afetividade; Orientação acadêmica; Orientador e orientando; Pós-graduação; Relação professor e aluno.

¹Discente do Insituto Federal Goiano, Campus Ipameri.

²Docente da Universidade Estadual de Goiás, Campus Pires do Rio.

THE AFFECTIVE RELATIONSHIP BETWEEN TEACHER AND STUDENT IN THE ACADEMIC ORIENTATION PROCESS

Silvana Rodrigues Vaz Alves

M.^a Juliana Maria Corallo Quinan

Abstract: The proposal of the article is to analyze the relationship between teacher and student in the process of academic orientation in Brazilian education in what corresponds affective issues. In this way, we try to describe the affective relationship between teacher and student during the process of writing theses and dissertations, to understand the importance of this relationship in the orientation process, and to identify how this relation affects the student in the writing process. Authors like Freire (1987, 1992, 1994); Sabino (2012); Flecha (2003); Machado (2012); e Ribeiro (2011) help the understanding the conceptions of affection, academic orientation and the relationship between counselor and supervisor. We opted for qualitative (MINAYO, 2002) research using as bibliographic (SEVERINO, 2007). We observed that affection is a determinant factor for the positive relationship between guiding and orienting, so the importance of affectivity is one of the curricular requirements for teacher training; the relevance of the horizontal relationship between teacher and student, in order to facilitate teaching and learning, enabling the exchange of experiences lived by educators and students, thus promoting the student's formation as a critical citizen; the great value of Brazilian postgraduate programs that make up teachers and researchers; the importance of universities to bring theoretical and practical knowledge during the process of professional training of their students; and the positive influence of the academic orientation during the period of development of dissertation and thesis so that it does not become a mental health problem but a contribution to the social and personal formation of the academic subject.

Keywords: Affectivity; Academic orientation; Advisor and guiding; Postgraduate; Teacher and student relationship.

¹Student of the Goiano Federal Institute, Ipameri Campus.

²Lecturer at the Goiás State University, Pires do Rio Campus.

1. Introdução

A presente pesquisa bibliográfica estuda a relação afetiva entre professor e aluno durante o processo de orientação acadêmica, buscando perceber a importância dessa relação e como ela afeta o aluno nesse período de elaboração de dissertação e tese.

A motivação inicial da pesquisa surgiu da minha vontade de conhecer melhor sobre as diversas formas de interagir do ser humano e como se afetam em suas relações. A pesquisa é voltada para a área acadêmica a fim de contribuir para a relação horizontalizada e afetiva entre orientador e orientando para que o período de construção de dissertação e tese seja experienciada e vivenciada como parte da formação social e pessoal do sujeito acadêmico, não se transformando em um processo de saúde mental.

A pós-graduação no Brasil surgiu da necessidade de titulação dos docentes universitários e sua correspondente qualificação como pesquisadores. Estudos evidenciam que a pós-graduação se constituiu como o setor mais bem-sucedido de todo o sistema educacional, concentrando-se nesses cursos quase toda a capacidade de pesquisa nacional, da qual depende a formação de docentes e pesquisadores (LEITE FILHO e MARTINS, 2006).

A orientação acadêmica é uma relação pedagógica que se estabelece entre orientador e orientando. Trata-se de um processo dinâmico caracterizado pelas trocas educativas, profissionais e pessoais, como também por conflitos e questionamentos. O respeito às diferenças é fundamental para a qualidade da relação, o sucesso do trabalho e a superação dos conflitos que possam surgir no decorrer do processo de orientação (DUARTE, 2005). A relação construtiva entre orientadores e orientandos, em qualquer área acadêmica, é uma das principais responsáveis pela conclusão de dissertações e teses de qualidade, contribuindo, assim, para o desenvolvimento e consolidação do conhecimento científico.

O processo de orientação é construído de maneira intersubjetiva, com crescimento em etapas e constante do orientador e do orientando. Neste processo ambos embarcam numa viagem que os levará a descobertas inusitadas, ao amadurecimento pessoal e científico (OLIVEIRA, 2006).

O afeto se faz presente em toda relação humana. E educação e afeto caminham juntos, pois são processos de importância vital para a formação do ser

humano. Apesar de sua importância, a afetividade está, quando muito, em segundo plano no processo de formação profissional do docente, gerando, em alguns casos, a dificuldade de relacionamento entre orientador e orientando (SABINO, 2012).

A relação professor e aluno, desde a institucionalização da escola, é vertical, onde o professor detém o conhecimento e a autoridade e o aluno aprende, sem interação entre eles. Na sociedade moderna, essa relação tem sido marcada pela tensão, medo e frustração por parte do professor devido ao comportamento agressivo e violento dos alunos e vice-versa. A busca da convivência mais afetiva aproxima as pessoas envolvidas no ambiente escolar, resgatando o respeito mútuo e o aprendizado. Paulo Freire (1992) revela que o homem é ser único indissociável e horizontaliza a relação educador e educando os colocando em posição democrática porque acredita que por meio do diálogo é possível ensinar e aprender. Diz ainda que o ato de educar é uma prática afetivamente humanizadora, já que afetividade e educação são inseparáveis.

A acolhida do orientador ao orientando é fundamental desde o primeiro encontro, conhecê-lo e se deixar conhecer, fazê-lo sentir que a caminhada será compartilhada são fatores que contribuem para a relação afetiva. A relação deve ser pautada no respeito, comprometimento, transparência, compreensão e paciência. Cabe ao orientador exercer competências nas dimensões técnica, psicossocial e conceitual, ou seja, direcionar, apoiar, sugerir, propor, avaliar, capacitar o aluno para o desenvolvimento da pesquisa e o conhecimento científico (PARENTE, 2018).

Diante do exposto, a pesquisa foi desenvolvida com o propósito de contribuir para a relação positiva e mais afetiva entre orientador e orientando, a fim de colaborar com a produção acadêmica e o saber científico.

2. Metodologia

A proposta desta pesquisa de cunho bibliográfico é analisar através de livros, periódicos, resumos, artigos, dissertações e teses a relação professor e aluno no processo de orientação acadêmica na educação brasileira, sobre as questões afetivas.

Deste modo, optou-se por utilizar a pesquisa qualitativa, entendendo que pesquisa qualitativa é compreendida como sendo, segundo Minayo (2002), um método de investigação e exploração científica cujo foco é o caráter subjetivo do

sujeito analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais. Na pesquisa qualitativa as respostas não são objetivas, e o propósito não é contabilizar quantidades como resultado, e sim conseguir compreender o comportamento do sujeito alvo aprofundando-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

Para Minayo (2002, p. 21-22):

A pesquisa qualitativa responde a questões particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Assim, a pesquisa bibliográfica é estratégia teórico-metodológica que se adequa a proposta de pesquisa. Essa estratégia se efetiva por perceber que a relação aluno e professor durante o processo de orientação acadêmica também se constitui como um campo de pesquisa. Deste modo, Severino (2007) aponta que o uso de pesquisa bibliográfica é de fundamental importância por proporcionar aos pesquisadores, retomar conceitos, dados e problematizações já elencadas em pesquisas anteriores.

Severino (2007, p. 122) pontua que a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisa anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

A pesquisa bibliográfica enquanto produção de conhecimento “se faz quando o pesquisador aborda os fenômenos aplicando recursos técnicos, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos” (SEVERINO, 2007, p. 100).

3. Sujeitos e o Espaço Geográfico da Pesquisa Bibliográfica

Os sujeitos da pesquisa serão os textos universitários de acadêmicos de mestrado e doutorado no que diz respeito a relação com seus orientadores durante a etapa de construção do texto que se efetivou como dissertação e tese.

Segundo Sucupira (1977) a pós-graduação sob a forma de cursos de mestrado e doutorado é fenômeno recente no ensino superior brasileiro. É o resultado de um processo vinculado ao movimento de modernização da universidade brasileira, que teve início na década de 50. A instalação dos primeiros cursos de mestrado e doutorado ocorreu nos primeiros anos da década de 60, inicialmente na Escola Superior de Agricultura de Viçosa, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e no Instituto de Tecnologia Aeronáutica (ITA).

Os sucessos alcançados pelo Brasil na pós-graduação tem sido motivo de orgulho tanto para a academia brasileira como para as autoridades públicas. A pós-graduação brasileira está entre as mais importantes do mundo devido ao tamanho alcançado e a sua qualidade.

A despeito de todo esse sucesso, as universidades públicas brasileiras enfrentam desafios para esse nível de formação, sendo eles: dificuldade para mobilizar recursos financeiros para pesquisa, que é uma desigualdade regional, não atraindo professores qualificados e motivados; outro ponto sensível diz respeito a multi e transdisciplinaridade, devido, em muitos casos, as instituições superiores terem um pequeno número de especialistas limitando as possibilidades de oferecer mais de um programa de pós-graduação (BALBACHEVSKY, 2005); e por fim, o tempo estimado para conclusão do mestrado que é de dois anos e do doutorado quatro anos (Capes/MEC,2004), e nem sempre essa passagem é imediata.

As principais queixas apresentadas pelos estudantes de pós-graduação são: baixo valor da bolsa de estudo; carga de estudo e trabalho excessiva; ausência de tempo, tanto para o estudo, como para a vida particular; pressão para publicar artigos; abandono e autoritarismo por parte dos orientadores; assédio moral; a incerteza quanto a futura inserção profissional (FARO, 2013). Esses fatores não só trazem dificuldades pessoais e sociais aqueles que optam pela carreira acadêmica como também podem gerar graves problemas de saúde mental, como alto nível de estresse, ansiedade, depressão e outros transtornos.

4. Referencial Teórico

A partir dos anos 2000, a formação de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil encontrou largo desenvolvimento em termos quantitativos e qualitativos, especialmente por causa de uma nova forma de acompanhamento expressa nas normas e avaliações trienais da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Os resultados desse desenvolvimento são os mais diversos, entre eles destaca-se a ampliação do número de pessoas tituladas e em processo de titulação de mestrado e de doutorado (COSTA; SOUSA; SILVA, 2014).

O processo de orientação acadêmica é definido por Severino (2012, p.92) como “as relações entre orientador e orientando, no contexto da formação pós-graduada, devem ser entendidas como um processo de construção solidária, num intercâmbio de experiências que se encontram em fases diferentes”. Quanto ao orientador, o autor discute ainda o papel deste como educador na construção do conhecimento.

Para Zhao (2003, p.5) “a orientação é fundamental para o sucesso dos alunos de pós-graduação”, uma vez que se trata de uma das tarefas docentes mais relevantes, embora, em certa medida, negligenciada no Brasil. Realmente, como cita Leite Filho e Martins (2006), a orientação é tratada pelos programas de pós-graduação de forma genérica e vaga, ficando mais ao critério do professor definir, individualmente, o que fazer e como desenvolver suas ações. Em termos de pesquisa, Machado (2012, p. 62) afirma que “poucos discursos e pouca pesquisa têm-se desenvolvido em torno do tema da orientação”.

Devido a sua relevância, a atividade de orientação requer um tratamento especial, necessitando ser razão de estudos e discussões entre docentes e futuros professores. A essa consideração afirma Saviani (2012, p. 171): “o ponto nodal do sistema de pós-graduação reside na questão da orientação”.

O orientador, enquanto mestre, orienta e direciona o estudante, essa função pedagógica resulta, muitas vezes, em uma relação de colaboração que ultrapassa o âmbito acadêmico tornando-se um vínculo emocional que se prolonga pela vida. Assim o orientador contribui não só com a formação acadêmica como também com a formação da identidade do orientando (QUEIROZ, 2014).

A esse respeito, Bianchetti e Machado (2012, p.31) declara:

O orientador, diferentemente do “livro que orienta”, é um personagem

que entretém uma relação singular e intersubjetiva com seu orientando, de peculiar riqueza e complexidade, por sinal. O orientador juntamente com o orientando e suas páginas escritas constituem um trio único e original, com considerável espaço de liberdade, voltado para construir conhecimentos, bem como favorável ao desenvolvimento de um estilo pessoal na escrita.

A competência de orientar inicia-se sem nenhum treinamento para o docente que irá exercer essa nova função, sendo inédito e peculiar em sua carreira, a formação de novos pesquisadores *stricto sensu* (SÁ e PAULA, 2017).

A atividade de orientar envolve o equilíbrio entre diversos fatores: “experiência na área de pesquisa, apoio para o aluno, crítica e criatividade”, além da metodologia, de indicações de leituras, e análise de dados que já devem estar implícitos à orientação (LESSING e SCHULZE, 2002). Nesta perspectiva, é importante o orientador considerar as peculiaridades de cada orientando e ser flexível, visto que cada indivíduo tem sua personalidade, capacidade intelectual, motivação, autonomia e estrutura social (ISMAIL; ABIDIM; HASSAN, 2011).

No processo da orientação acadêmica, se faz necessário entender a afetividade, elemento essencial nas relações sociais. Acredita-se que é a partir das trocas e utilização de informação entre orientador e orientando que se produzirá conhecimento. Nesse seguimento, Almeida (1993, p. 40) expõe que:

Se os afetos, as emoções, têm íntima ligação com a inteligência e vice-versa, e se o ato de ensinar-aprender ocorre num processo relacional, vincular, necessariamente, essa relação terá de levar em consideração, no seu *modus operandi* toda a variada gama de expressões dos afetos e das emoções, presentes na relação professor-aluno e, conseqüentemente, na transmissão e apropriação do conhecimento.

As relações sociais representam as diferentes formas de interação entre os indivíduos ou grupos sociais que ocorrem em diversos espaços, em casa, na escola, no trabalho, de maneira natural ou através de interesses individuais. O ser humano é ser social, desta forma os vínculos afetivos socialmente construídos são base para caracterização do papel social representado pelo homem ao longo da vida, além de despertarem emoções únicas caracterizando o processo contínuo de formação da identidade subjetiva e social do indivíduo (VIEIRA e LOPES, 2010). Neste contexto a interação entre o homem e o mundo e entre si mesmos é de importância vital.

A interação social decorre dentro de um dispositivo cultural. Por cultura de um grupo de pessoas significam-se seu modo global de vida, sua língua, seus modos de perceber, classificar e pensar a respeito do mundo, formas de comunicação não-verbal e interação social, normas e convenções sobre comportamento, valores morais e ideais. [...] Todos esses aspectos da cultura afetam o comportamento social, direta ou indiretamente (ARGYLE, 1974, p.148).

Os aspectos afetivos são permeados pelas relações sociais e caracterizam a formação da personalidade humana desde o nascimento. O ser humano é essencialmente afetivo e necessita desse sentimento para conviver em sociedade. É neste sentido que Mosquera e Stobäus (2006, p. 130) afirmam que “O potencial afetivo do ser humano é o que o capacita para conhecer as circunstâncias e os fatos do e no mundo”.

A afetividade origina-se de afeto que é conceituado por Sabino (2012, p. 90) como “um conjunto de emoções, sentimentos, paixões e estados de humor”. A autora acrescenta ainda que a maioria das pessoas leigas e os especialistas sabem o que é afeto porque o sentem, mas não sabem conceituá-lo. O afeto está presente em toda relação humana, seja na família, na igreja, na escola, no trabalho. A educação e o afeto caminham juntos, pois são processos de importância vital para a formação humana.

O processo educacional não é um processo isolado; é constituído conjuntamente por professores e educandos na interação e com vínculo na afetividade, na participação, na cooperação de ambos, construindo-se e acomodando-se, assim, a aprendizagem. (GIANCATERINO, 2007, p. 74).

De acordo com Mosquera e Stobäus (2006), valorizar a afetividade no processo educacional implica em compreender as emoções e os sentimentos como imprescindíveis produções que necessitam de manifestação e originam o contato com o mundo.

A afetividade na relação entre professor e aluno é tema discutido e analisado há muitos anos por vários estudiosos que acreditam e discutem a perspectiva de trazer reais mudanças para uma educação eficaz e duradoura, mostrando que o papel da escola é formar sujeitos críticos, participativos e conscientes de seus direitos e deveres, tornando-os cidadãos que consigam interagir socialmente e resolver conflitos (MEDEIROS, 2017).

Tendo em vista que as dificuldades afetivas são fortes desestabilizadores comportamentais, que, se mal acompanhadas, podem perpetuar-se por toda a vida pessoal e escolar, faz-se necessária uma conscientização, bem como mudanças de atitudes, principalmente no que diz respeito às relações afetivas no âmbito escolar, em busca de tentar reverter à realidade preocupante encontrada dentro das escolas atualmente, como assinalam Tognetta e Vinha (1999), lembrando que, ao discutirem com professores, deparam-se com um saudosismo dos valores comuns à outras gerações que sofreram mudanças no momento presente e que se questionam se os valores atuais são morais.

É importante ressaltar que as trocas de conhecimentos ou conflitos ocorrem pelo fato de professores e alunos estarem, em sua maioria, em diferentes lugares e posições de poder, muitas vezes distanciado pela diferença de idade, origem e posição social e até mesmo pela linguagem utilizada por ambos (MOURA, 2010).

Na sociedade atual, marcada pelo sistema capitalista, onde a busca do ter é mais importante que a do ser, os sentimentos de humanização ficaram em segundo plano e, certamente, não estão cumprindo sua esperada e essencial função na transformação da relação entre os indivíduos. A escola, por ser um espaço de construção e socialização do saber, vem enfrentando o desafio constante de conscientização dos seus alunos frente à um sistema que integra atitudes e ações pautadas na competição e no individualismo (MEDEIROS, 2017).

Nóvoa (2002, p. 23) aponta que uma das dimensões da complexidade do ensino é a relação com o educando, pois, diferente do que acontece com outros profissionais “o trabalho do professor depende da colaboração do ‘aluno’. [...] Ninguém ensina quem não quer aprender”. Conclui-se, pois, que formar o profissional professor vai além do cumprimento das disciplinas da grade curricular, é formar para a análise, a crítica, a investigação e para a reflexão, além de um intenso e contínuo trabalho de motivação dos educandos.

A intensidade da relação que normalmente se estabelece entre o orientador e o orientando é complexa, ultrapassando aspectos de natureza social, contextual e intelectual. Cada dimensão dessas encontra expressões diferenciadas no cotidiano dos cursos e repercute ao longo da vida do futuro mestre ou doutor, por vezes sendo o principal fator de sua diferenciação acadêmica e elemento central de influência no seu êxito profissional (COSTA; SOUSA; SILVA, 2014).

A relação professor e aluno deve ser consistente e baseada no diálogo, no

respeito, na compreensão, na tolerância e na confiança mútuos, refletindo-se, positivamente na prática pedagógica e na aprendizagem sólida. “A relação professor/aluno torna-se assim, o núcleo concreto das práticas educativas e do contrato pedagógico, o que estrutura os sentidos cruciais da instituição escolar” (GIANCATERINO, 2007, p. 77).

Neste contexto, o diálogo torna-se uma condicionante fundamental para uma boa interação entre o professor e o aluno, pois é um componente importante para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, ou seja, para o processo de ensino-aprendizagem. Ressaltando Freire (1987 e 1994) “[...] o diálogo é uma relação horizontal. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança”, “[...] é um encontro no qual a reflexão e a ação, são inseparáveis daqueles que dialogam, orienta-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar”. Nos conceitos de Freire, observa-se o vínculo entre o diálogo e o fator afetivo que conduzirá ao respeito e a aproximação aos educados não somente como receptores do conhecimento, mas enquanto indivíduos (ANTÓNIO e MANUEL, 2015).

Haydt (1995) reforça a importância do estabelecimento do diálogo:

Na relação professor-aluno, o diálogo é fundamental. A atitude dialógica no processo ensino-aprendizagem é aquela que parte de uma questão problematizada, para desencadear o diálogo, no qual o professor transmite o que sabe, aproveitando os conhecimentos prévios e as experiências, anteriores do aluno. Assim, ambos chegam a uma síntese que elucida, explica ou resolve a situação-problema que desencadeou a discussão.

Na educação superior, a relação professor e aluno é compreendida como aquela que se constrói no cotidiano universitário, sendo estabelecida com regras acerca do comportamento esperado de ambos (RONCAGLIO, 2004). Para Zuin (2008) a relação professor e aluno na universidade é marcada por sentimentos ambíguos que vão desde a idolatria à total aversão das práticas docentes. A natureza conflituosa dessa relação é pautada na ironia afetiva ou no ódio promovido pelo sarcasmo do professor. Para fugir desse sarcasmo, se estabelece uma relação professor-aluno baseada num fingimento conjunto em que, no seu processo formativo, o estudante transforma seu ódio, gradativamente, em um jogo de cena.

Neste sentido, Jusviack (2008) ressalta que para a relação entre educador e educando no ensino superior se estabelecer e ter sentido é necessária à

aprendizagem. Na mesma linha de pensamento, Silva (2005) apresenta que essa relação é baseada em interesses e intenções, e tem como principal intuito o aprendizado, que gera a educação que é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores de qualquer cidadão.

Em sua dissertação, Souza (2016) discorre os sentidos da afetividade na prática docente atribuídos pelos professores e alunos que participaram da pesquisa. Para eles os sentidos de afetividade são: prazer na docência; atitudes como proximidade, respeito, solidariedade, acolhimento, mudança, diálogo, autonomia, gerir conflitos, valorizar a pessoa e sua produção, cuidado, dar limites, motivar; e qualidades como dedicação, amizade, bom senso, sensibilidade, flexibilidade, humanidade, ética.

A partir dos discursos dos participantes da pesquisa, a autora conclui que a atitude de proximidade e de flexibilidade do professor em relação ao estudante podem criar um vínculo de amizade. “Também se percebe que para construir um trabalho mais prazeroso na sala de aula, o professor precisa ter proximidade e se envolver com os estudantes, a fim de contribuir com seu desenvolvimento profissional, independente da etnia, das crenças, hábitos, vícios, etc. que o discente possa ter” (SOUZA, 2016, p. 92).

O contato entre mestre e aluno, a demonstração da afetividade, atenção e interesse influem no desempenho de suas tarefas. O aluno e o professor assumem, na sala de aula, posições distintas de cuja interação resulta a aprendizagem e a educação. Outro ponto importante é a aproximação dos estudantes entre si, pois a capacidade de se relacionar bem com o outro e trabalhar em grupo é uma das exigências no mundo do trabalho (SANTOS e SOARES, 2011, p. 361).

Contribuindo com essa discussão, Ribeiro (2004) afirma que o docente, a partir do seu próprio prazer em ensinar, seduz os estudantes para o estudo dos conteúdos disciplinares, pois é também o seu gosto pela docência que os contagia. Desse modo, o discente deixará de se sentir condicionado a uma aprendizagem mecânica e sem significado e passará a ter o prazer de se ver como sujeito pensante, produtor de conhecimentos.

A importância da relação afetiva entre docente e discente está fundamentada em o educador ser o facilitador da aprendizagem, estabelecer a comunicação com e entre seus educandos com o propósito educativo, além de perceber o educando como sujeito de sua própria reflexão e história, promovendo assim a troca de

conhecimento entre professor e aluno e vice-versa e entre aluno e aluno.

Ter em vista a percepção e o juízo de nossos alunos nos permitirá entrar melhor no mundo deles. A opinião deles não é nossa norma; contudo, devolver para eles de maneira um pouco organizada a visão que tem do bom professor ou do professor desejado pode ser uma boa oportunidade para a reflexão deles e a nossa. Podemos encontrar aqui uma ocasião de comunicação significativa como nossos alunos, ao nos dizer como deveríamos ser, nos comunicar suas próprias necessidades tal como eles as vivem (MORALES, 1998, p. 35).

Sabe-se que o período de elaboração de dissertação e tese é marcado por uma grande angústia e solidão. Nesse ponto de vista, Flecha (2003) colabora com queixas de mestrandos sobre a relação orientador e orientando relatados a ela durante o período de revisão das dissertações, que são: a falta de planejamento e acompanhamento por parte do orientador, que, muitas vezes, realiza cortes no texto do orientando e, no encontro seguinte, solicita ao aluno que desenvolva novamente o tema que foi cortado, e às vezes o procedimento é inverso; as dificuldades de encontro com o orientador, seja porque esse falta aos encontros marcados, seja porque tem tantas outras atividades que não resta tempo para o orientando; e a qualidade da orientação, mais precisamente na ausência de orientação quanto à estrutura da dissertação.

A falta de orientação se evidencia também quando o trabalho não consta quaisquer das normas inscritas no Manual para Normalização de Publicações Técnico-científicas da própria universidade que o orientando frequenta (FLECHA, 2003).

A fim de contribuir para uma relação amistosa e mais afetiva entre orientador e orientando, Leite Filho e Martins (2006) apresentam algumas propostas facilitadoras, como: a criação de espaços acadêmicos para discussão e reflexão sobre o que se espera de uma dissertação e/ou tese e sobre a qualidade da produção científica dos programas, possibilitando a organização de ideias e sugestões; a oferta de espaço para os orientadores refletirem e discutirem em seminários, congressos, cursos, sobre o trabalho docente, tendo como foco o processo de formação continuada do orientador e sua relação com o processo de orientação e o orientando; a utilização de modelos de orientação coletiva, co-orientador, a fim de minimizar as eventualidades e contribuir para o enriquecimento

técnico e metodológico dos trabalhos; a aplicação de noções de relacionamento interpessoal e orientação psicológica, como prática facilitadora para o respeito e a compreensão das características pessoais, intelectuais e comportamentais de cada indivíduo; e por fim, o acompanhamento da matriz curricular do programa de pós-graduação pelo orientador para que seu orientando não curse disciplinas que não colaborem com o projeto de pesquisa.

Na atualidade, tem-se estudado a totalidade da afetividade na prática docente como caminho para a aprendizagem cognitiva. Ribeiro e Cruz (2011) afirma que o professor deixou de ser apenas um transmissor de conhecimentos prontos e acabados, conforme o modelo tradicional, e passou a ser visto como um facilitador, mediador da aprendizagem. Nesse novo modelo, o estudante, junto ao docente, exerce o papel de protagonista na construção dos conhecimentos.

Buscando a inovação de sua prática acadêmica e de pesquisa, é essencial que o professor planeje estratégias pedagógicas tanto dos conteúdos disciplinares quanto do desenvolvimento de atitudes éticas, políticas, sociais, culturais, críticas, criativas e do crescimento do sujeito autônomo e participativo no meio social, contribuindo assim para a evolução da sociedade (SOUZA, 2016).

Diante do exposto observa-se que a relação professor-aluno é um tipo de vínculo que será refletido na sociedade, portanto é importante a conexão que se estabelece na prática pedagógica. O professor que tem um bom relacionamento com seus alunos, provavelmente, contribuirá para a efetiva formação de cidadão. Procura-se hoje resgatar a dimensão humana do trabalho pedagógico, evidenciando o relacionamento professor-aluno ao lado do papel técnico de ensinar, ou seja, o “como se relacionar com o aluno” dessa forma mobilizando e acionando a participação efetiva no processo de mudança de realidade (MOURA, 2010).

5. Considerações Finais

Retomando o objetivo inicial, de estudar a relação entre professor e aluno durante o processo de orientação acadêmica, buscando perceber a importância dessa relação e como ela afeta o aluno nesse período de elaboração de dissertação e tese, foi possível analisar pesquisas realizadas em que professores e alunos relatam como a relação afetiva positiva colabora para a prática pedagógica de sucesso.

À vista disso, os programas de pós-graduação precisam conceder maior

visibilidade ao processo de orientação das dissertações e teses, pois esse momento pedagógico tem merecido pouca atenção institucional, como também escapa das opções temáticas investigativas de grande parte dos pesquisadores brasileiros.

Logo, é fundamental que o processo de orientação acadêmica ocorra não apenas na prática, mas também sobre a prática, ou seja, através da vivência de experiências de orientação, como, por exemplo, relatos do conhecimento de formação docente, a participação dos orientandos, sob a supervisão do orientador, em grupos de pesquisa para que possam discutir e apresentar suas propostas de dissertação e tese.

Dado o exposto, o potencial afetivo do ser humano é que o capacita para conhecer as circunstâncias e os fatos do e no mundo. O ser humano é ser social, portanto interage na sociedade por meio das relações sociais, ou seja, pelos seus afetos. E um dos ambientes dessa interação é a universidade, daí a importância de a afetividade estar em primeiro plano nas práticas docentes.

Levando-se em conta o que foi observado, percebe-se que hoje a prática pedagógica está voltada para reforçar as boas produções, esquecendo-se das relações. É importante que o professor seja o mediador da transmissão do conhecimento, e que invista mais na relação afetiva com seus alunos proporcionando-os autonomia, liberdade e capacidade para produzir. O diálogo, o respeito à individualidade e o incentivo à pesquisa, à investigação são alguns dos pilares determinantes para o êxito no processo de ensino-aprendizagem. Na educação superior o professor é também o espelho para seus alunos, o que implica maior responsabilidade à sua prática docente.

Em virtude dos fatos mencionados, conclui-se que a relação entre orientador e orientando solicita considerar a natureza subjetiva do indivíduo, sua história, realidade de vida, compreensão de mundo e de conhecimento. A possibilidade de êxito desse relacionamento e da pesquisa e produção acadêmica exige do orientador e do orientando a auto avaliação, diálogo, dedicação, organização, disciplina, interesse, satisfação, reforçados pelo compromisso e responsabilidade de ambos.

Pela observação dos aspectos analisados, entende-se que uma das competências da educação superior é possibilitar ao estudante, durante seu processo de formação profissional, desenvolver a capacidade de perceber os fenômenos problemáticos que encontram no exercício de sua profissão, bem como

expandir a capacidade de compreender a complexidade do mundo social em que vivem. Como ressaltam Pimenta e Anastasiou (2008, p.173):

A universidade não deve simplesmente adequar-se às oscilações do mercado, mas aprender a olhar em seu entorno, a compreender e assimilar os fenômenos, a produzir respostas às mudanças sociais, a preparar globalmente os estudantes para as complexidades que se avizinham, a situar-se como instituição líder, produtora de ideias, culturas, artes e técnicas renovadas que se comprometam com a humanidade, com o processo de humanização.

Espera-se que este artigo possa colaborar para que a afetividade esteja presente no processo de formação profissional do docente, facilitando assim o relacionamento entre orientador e orientando, e também seja capaz de instigar a realização de pesquisas que aprofundem e enriqueçam a compreensão do tema. Visto que os textos analisados sugerem aprofundamento de estudos sobre esta temática com pesquisas de campo que utilizem maiores amostragens e que englobem a totalidade dos programas de pós-graduação.

6. Referências

ALMEIDA, S. F. C. de. **O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender**. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, 1993. 40 p.

ANTÔNIO, L. A. D.; MANUEL, J. A. C. In: EDUCERE: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - Pontifícia Universidade Católica (PUC), 2015, Paraná. **Importância da relação professor – aluno na educação superior**. 10 p.

ARGYLE, M. **Comunicação e dinâmica de grupo**. Bases Psicológicas. São Paulo: Ibrasa, 1974.

BALBACHEVSKY, E. **A pós-graduação no Brasil: novos desafios para uma política bem-sucedida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; São Paulo: Cortez, 2012.

COSTA, F. J.; SOUSA, S. C.T.; SILVA, A. B. Um modelo para o processo de orientação na pós-graduação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 11, n. 25, p. 823 - 852, set. 2014.

DUARTE, A. N. Relação dialógica entre orientador e orientando: intercâmbios significativos. In: MORAES, R.; HACKMANN, B. G.; MANCUSO, R. **De Marte a**

Narciso: (sobre)vivências em dissertações de mestrado. Ijuí: Unijuí,- 2005. p. 135-143.

FARO, A. Estresse e estressores na Pós-Graduação: Estudo com mestrandos e doutorandos no Brasil. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Sergipe, v. 29, n. 1, p. 51-60, 2013.

FLECHA, B. S. C. **Mestrandos à deriva: Cadê o orientador?**. Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais. 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

GIANCATERINO, R. **Escola, professor, aluno**. Os Participantes do Processo Educacional. São Paulo: Madras, 2007.

HAYDT, R. C. **Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1995.

ISMAIL, A.; ABIDIN, N. Z.; HASSAN, A. Improving the development of postgraduates Research and Supervision. **International education studies**, v. 4, n. 1, p. 78-89, 2011.

JUSVIACK, A. **Focos e enfoques da indisciplina**. Disponível em: <http://adm.online.unip.br/img_ead_dp/31515.PDF>. Acesso em: 17 set. 2018.

LEITE-FILHO, G. A.; MARTINS, G. A. Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 46, p. 99–109, 2006.

LESSING, A. C.; SCHULZE, S. PosGraduate supervision and academic support: students' perceptions. **South african journal of higher education**, v.16, n.2, p. 1-139, 2002.

MACHADO, A. M. N. A relação entre autoria e a orientação no processo de elaboração de teses e dissertações. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações**. 3. ed., p. 60-81, São Paulo: Cortez, 2012.

MEDEIROS, M. F. O papel da afetividade na relação professor e aluno e sua implicações na aprendizagem. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 21, n. esp.2, p. 1165-1178, 2017.

MINAYO, M. C. S. Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MORALES, P. V. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz.** 6. ed. São Paulo: Loyola, 1998. 35 p.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação. **Educação**, Porto Alegre, v. 58, n. 1, p. 123-133, 2006.

MOURA, P. C. **Uma análise do olhar do gestor escolar sobre a relação professor-aluno.** 2010.44 p. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010.

NÓVOA, A. **A Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: Educa, 2002.

OLIVEIRA, A. S. **Relação orientador-orientando e a teoria das relações interpessoais de Robert Hinde.** 2006. 130 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Brasília, Brasília-DF, 2006.

PARENTE, A. V. A. D. **A afetividade na relação pedagógica: concepções de alunos e professores do ensino médio.** 2018. 124p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Faculdade de ciências sociais, educação e administração Instituto de educação, Lisboa, 2018.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no Ensino Superior.** São Paulo: Cortez, 2008.

QUEIROZ, T. P. **O bom filho a casa sempre torna: análise do relacionamento entre a universidade federal de minas gerais e seus egressos por meio da informação.** 2014. 202 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

RIBEIRO, M. L. **Une analyse des représentations sociales de l'affectivité chez desenseignants qui participent au programme de formation en enseignement primaire dans une université publique de l'État de Bahia.** 2004. 200 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Université de Sherbrooke, Canadá, 2004.

RIBEIRO, M. L.; CRUZ, A. R. S. O papel do professor no ensino superior: representações sociais construídas por estudantes de cursos de licenciaturas. In: RIBEIRO, M. L.; MARTINS, E. S.; CRUZ, A. R. S. **Docência no ensino superior: desafios da prática educativa.** Salvador: EDUFBA, 2011, p. 109-135.

RONCAGLIO, S. M. A relação professor-aluno na educação superior: a influenciada gestão educacional. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 24 n. 2, p. 100-111, 2004.

SÁ, R. M. C.; PAULA, C. P. A. Compartilhamento de conhecimento na orientação acadêmica: a perspectiva de orientadores. **Prisma.com**, Minas Gerais, n. 34, p. 105-126, 2017.

SABINO, S. **O afeto na prática pedagógica e na formação docente: uma presença silenciosa**. São Paulo: Paulinas, 2012. 240p.

SANTOS, C. P.; SOARES, S. R. Aprendizagem e relação professor-aluno na universidade: duas faces da mesma moeda. **Estudos em avaliação educacional**, São Paulo, v. 22, n. 49, p. 353-370, 2011.

SAVIANI, D. A. Pós-graduação em educação no Brasil: pensando o problema da orientação. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Org.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 148-176.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERINO, A. J. Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento no campo educacional. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. 3. ed. Florianópolis: Ufsc; São Paulo: Cortez. 2012.

SILVA, A. R. C. **Sentimentos e emoções: um estudo com professores e alunos de medicina veterinária**. 2005. 27 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo. 2005.

SOUZA, C. F. S. **Relação afetiva entre professora e estudantes do Ensino Superior: sentidos, desafios e possibilidades**. 2016. 171 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana: Departamento de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação.

SUCUPIRA, N. Fórum Educacional. **Revista da Fundação Getúlio Vargas**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 3-18, 1977.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Valores em crise: o que nos causa indignação? In: LA TAILLE, Yves de; MENIN, Maria Suzana de Stefano. **Crises de valores ou valores em crise?** Porto Alegre: Artmed, p. 15-45, 2009.

VIEIRA, A. S.; LOPES, M. D. **A afetividade entre professor e aluno no processo de aprendizagem escolar na educação infantil e séries iniciais**. 2010. Disponível em: < <http://www.unisaesiano.edu.br/biblioteca/monografias/51909.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2018.

ZHAO, F. Transforming quality in research supervision: a knowledge-management approach. **Quality in higher education**, v. 9, 2003.

ZUIN, A. **Adoro odiar meu professor: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico**. Campinas: Autores Associados, 2008.